

A ANTIGUIDADE TARDIA

Everton Grein

Nas últimas décadas a redescoberta e logo a reconstrução da Antiguidade Tardia como uma época independente e com caráter próprio representam um produto relativamente recente do debate historiográfico, mas as raízes desse processo encontram-se já na obra de estudiosos do final do século XIX. Com eles, a ideia do “tardio” emergia como expressão tácita de uma sociedade agonizante, pormenorizado pelos estudos dos historiadores da arte, Alois Riegl (1858-1905), em seu *Die spätromische Kunstindustrie nach den Funden in Österreich*; e de Josef Strzygowski (1862-1941) com *Orient oder Rom: Beiträge zur Geschichte der spätantiken und frühchristlichen Kunst*, ambos publicados em 1901.

De acordo com ambos os estudiosos da Escola de Viena, “Antiguidade Tardia” (do alemão *Spätantike*) como conceito, sugeria o espectro de uma sociedade romana decadente, sufocada e embargada pelo peso do agigantamento de um Império corrompido, o que o conduziu fatalmente ao seu derradeiro fim. Indubitavelmente, tal perspectiva de uma era de “declínio” e “queda” que marcou o conceito derivava da obra colossal “*The Decline and Fall of the Roman Empire*” de Edward Gibbon (1737-1794), datada do final do século XVIII. Todavia, para uma melhor aceção desse conceito uma questão reveste-se de suma importância: por que com os historiadores da arte? Porque naquele momento, somente a percepção da sensibilidade artística, livre do olhar sistemático do velho iluminismo francês ditado por Montesquieu (1689-1755) e Voltaire (1694-1778), cuja ideia universal da sociedade ignorava as tradições históricas e os particularismos das civilizações que as forjavam – seria capaz de constatar as diferentes formas do homem se identificar em seu mundo, ou seja, exprimindo-se pela arte. Assim, os historiadores da arte do final do século XIX, ainda que denotando a ideia de uma sociedade romana ‘decadente’, conseguiram romper com o preceito do continuísmo histórico encadeado pelos eventos políticos desde Flavio Biondo, cujo humanismo projetou a ideia de “Modernidade” pela noção da decadência dos antigos romanos e as “trevas” medievais (fonte do pensamento iluminista).

Mas foi a partir do início da década de 1970 que os historiadores da política passaram a repensar, de fato, o conceito de Antiguidade Tardia. Mais precisamente em 1971 quando Peter Brown publica seu *The World of Late Antiquity*, não por acaso por uma editora célebre por suas publicações em História da Arte (Thames & Hudson), que a expressão ganhou maior visibilidade. Posteriormente, com a publicação de *Decadence Romaine ou antiquité Tardive* de Henri Marrou (Seuil, 1977) o conceito foi mais bem abraçado pelos estudiosos modernos. O “mundo da Antiguidade Tardia”, mais que propriamente um título, revelava como um todo, um novo campo de estudos, que deveria ser considerado em suas especificidades geográficas e cronológicas, abarcando os diferentes ritmos e modos de suas mutações exarados pelas civilizações que abarcava.



As obras de Brown (1971) e Marrou (1977) insuflaram uma dupla problemática: tempo e espaço. Cronologicamente a definição da Antiguidade Tardia partia do governo do Imperador Marco

GREIN, Everton. A antiguidade tardia. *Antiguidade Tardia*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

Aurélio (161-180), momento em que se entendia a gênese das transformações políticas e sociais da sociedade romana: após a guerra contra os Parthos (161-166), que coincidiu com o início do seu governo –, Roma passa a exercer uma presença cada vez mais efetiva no Oriente. Ao mesmo tempo, é fato reconhecido dos historiadores que no final do século II d.C., a polis / ciuitas – antes entendida como o centro das decisões políticas e econômicas do mundo greco-romano, vai sofrendo uma gradual redução em seu papel como a difusora da cultura e dos valores sociais. Por outro lado, ainda reflexo desse aspecto, há o fortalecimento das aristocracias regionais especialmente nas províncias mais aliadas de Roma, o que resultou no enfraquecimento do poder político dos imperadores em face da disseminação desse mesmo poder entre os nobres locais.

Geograficamente, o poder emanado de Roma por séculos estendeu seu bastião até Bizâncio – a chamada Nova Roma. Após o saque da Roma ocidental pelos godos de Alarico I em 410, o imperador de Constantinopla à época, Teodósio II (408-450), pouco fez para socorrê-la. Claro estava que a transitoriedade do poder entre ambas as capitais – da Pars Occidentis e da Pars Orientis – somada a ascensão do Cristianismo, significou o início efetivo de uma nova realidade. O próprio Cristianismo – considerado pelos iluministas como o motivo mor da pretensa decadência romana (veja-se nesse caso o próprio Gibbon) – e que durante muito tempo, verificado pela historiografia tradicional até meados do século XX (e.g. Rostovtzeff, Dopsh e Pirenne), foi relegado a um papel secundário nas transformações do mundo mediterrânico, passa a ser lido como um elemento fundamental na compreensão das transformações do mundo mediterrânico. Este alargamento geográfico (conduzido em grande parte pelo Cristianismo), uma espécie de geografia do poder, conjugava, na perspectiva de Brown, o antigo Império Ocidental com o mundo edificado pela Nova Roma no Oriente. Assim, a Antiguidade Tardia estende-se desde Bizâncio até a civilização islâmica. O islã (civilização e religião), observadas desde o ponto de vista destas transformações que abarcaram Ocidente e Oriente deveu seu rumo fundamental não a Maomé ou mesmo os conquistadores do século VII, mas ao revigoramento completo das tradições orientais dos séculos VIII e IX. E será justamente nesse momento em que a Antiguidade Tardia irá esmaecer, e em seu crepúsculo assistiremos as disputas entre Bizâncio e os Sassânidas; a Damasco Omíada será suplantada por Bagdá em poder dos Abássidas; e o Ocidente conhecerá o poder e a supremacia de Carlos Magno e seus herdeiros, mas isso já no limiar da Idade Média propriamente dita.

Para saber mais

ANDO, C.; FORMISANO, M. (eds.), *The New Late Antiquity. A Gallery of Intellectual Portraits*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2021.

BROWN, P. *The world of Late Antiquity. From Marcus Aurelius to Muhammad*. London: Thames and Hudson, 1971.

MARROU, H-I. *Decadence romaine ou Antiquité Tardive?* Paris: Seuil, 1977.

GREIN, Everton. A antiguidade tardia. *Antiguidade Tardia*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>